

A gratidão que Firmino nutria com relação a esse “amigo” se devia sobretudo ao fato de que fora com a *ajuda* deste que ele conseguira reencontrar seus próprios pais, já idosos e doentes. Profundamente agradecido por isso, Firmino retribuía o favor acolhendo em sua casa de Minaçu o amigo que, envolto em dificuldades de toda ordem, precisava *sumir* por uns tempos. Residindo sob o mesmo teto, Beata e esse homem logo se aproximaram e *amigaram*. Para ela, porém, o passado dele permanecia um mistério. Sabia que ele fugia de alguém, mas nunca soube a razão até um dia em que, tarde da noite, um carro buzinou em frente à casa em que viviam. Ele – o amigo de Firmino, o homem com quem Beata dividia a cama – abriu a porta, foi alvejado várias vezes por alguém que atirava de dentro do carro e morreu na hora. Depois de um tempo Beata ficou sabendo que o companheiro foi morto por vingança: ele matara um rapaz num acidente de trânsito, e o pai desse rapaz o perseguia há tempos, disposto a fazer justiça com as próprias mãos.

O que a história de Beata sugere é que o acaso ou as vicissitudes da vida levam, muitas vezes, à atualização de relações que, até então, estavam ‘adormecidas’ – ignoradas, desconsideradas ou mantidas em latência, sem se efetivarem através do convívio ou do contato. Se uma pessoa nunca é capaz de prever inteiramente se esses laços serão reativados no futuro – nem quando ou qual deles –, não há dúvida de que, nos seus esforços para inventariar e mapear seus “parentes”, ela está sempre a contemplar essas possibilidades.

Nestas situações, há algo como uma combinação da filiação (dos laços de parentesco propriamente ditos) com uma ‘aliança’. O que quero afirmar com isso é que, por si só, por vezes os laços de sangue não são suficientes para garantir a manutenção e a continuidade da relação: precisam ser reforçados por algo mais, por circunstâncias favoráveis que tornem o convívio ou a constituição minimamente estável de uma ‘unidade doméstica’ possível e/ou desejável. Um pai e uma filha, ambos *roulados* (ele sofrendo da cabeça, ela do alcoolismo), voltam a viver e conviver após muitos anos. Ajeitam-se ambos num arranjo que, se não é pensado ou concebido como provisório, também não o é como sendo definitivo. “Enquanto eu estiver aqui recebendo o dinheiro deste serviço, você pode ficar comigo.”

Se os laços da filiação não são fortes o suficiente para assegurar o convívio, fazendo-se necessário que sejam reforçados pelas circunstâncias e pelas ‘alianças’ que os tornam propícios, necessários ou desejáveis, o contrário também ocorre. Pois essas próprias ‘alianças’ ganham em estabilidade na medida em que se desenvolvem pelo empréstimo de categorias e sentidos tomados do universo da filiação, do parentesco. Grandes amigos, Hugo e Willy, ambos na casa de seus 20 anos, agora estão morando juntos – num quarto de pensão que foi cedido ao primeiro temporariamente pelo dono do estabelecimento com quem Hugo trabalhou no passado. Este último, mais vivido e experiente, me conta que é “como um irmão mais velho” de Willy. Willy, em outro contexto, destaca o quanto aprendeu com Hugo e que ambos são como se fossem irmãos. Os dois dividem não apenas o mesmo quarto, mas também o dinheiro que conseguem e, eventualmente, até mesmo uma ou outra namorada. Volta e meia se envolvendo em conflitos com outras pessoas, um sempre compra a briga do outro. E ambos nutrem planos para sair de Minaçu em breve... Alguns meses depois, descobro que os dois de fato foram embora. Mas não juntos: tendo brigado seriamente por causa de uma menina, cada um tomou seu rumo sozinho. Assim, afirmar que X ou Y é “como um irmão” é não apenas explicitar o afeto existente no laço em questão, mas também marcar essa relação por certo tipo de postura ou esforço que, emulando ou inspirando-se no parentesco real, contribui para a sua estabilização – ainda que, frequentemente e tal como ocorreu no caso de Hugo e Willy, essa estabilização seja provisória.

Andar ou correr? Os pés e suas diferentes velocidades

Domingo de sol, calor que beira os quarenta graus. No meio da tarde, que podemos fazer todos senão ir para a Praia do Sol? Somos cinco, e o problema que se apresenta a nós todos é o mesmo: como chegar lá? Do Jardim Bambala até a praia são mais ou menos quatro quilômetros, percurso cuja maior parte será percorrida a sol aberto, no asfalto. Nenhuma possibilidade de carona, e os recursos são escassos para que todos peguem um mototáxi.

- Seu marido não vem, Elenita?

- Com a gente não. Você sabe como são as coisas, o Douglas não gosta de *andar de pé*...

À medida que fui me familiarizando com a Minaçu pela qual eu passara a circular, fui me dando conta do quão frequentes, nas falas dos meus interlocutores, eram as categorias e expressões que evocavam a ideia de movimento. Neste momento, limite-me a destacar algumas situações onde termos associados às ideias de "pé" ou de "pisar" se fazem presentes. Ao apresentá-las, tenho o objetivo de contrapor essas situações, quase sempre avaliadas de forma negativa, àquelas outras em que fica evidente o valor positivo concedido aos veículos que possibilitam, justamente, outra forma de mobilidade. Outras velocidades... Não seria em função desta oposição que Douglas, apaixonado por automóveis e motos, se recusava a ir caminhando conosco, ele que fora obrigado, em função de suas dívidas, a vender o carro? (Ao contrário dele, há muitos que, diante da possibilidade de se divertirem, relativizavam os incômodos do caminhar, preferindo não perder a festa: "Ah, a gente tem que *festar* mesmo. Nem que eu tenha que ir *de pé*, não deixo de aparecer lá!").

No que se refere àquelas categorias e expressões, lembremo-nos, antes de mais nada, dos já citados *pés-de-pano*. Além disso, o goiano 'típico' ou 'tradicional', nascido e criado no estado, é chamado de *goiano pé-rachado*; alguém que é, de certa maneira, quase uma antítese dos que habitam ou circulam por Minaçu: não só pelas origens diversas da maioria destes últimos, como pelo fato desta noção evocar o passado rural de quem pisa no chão sem sapatos, imagem pouco atraente para meus interlocutores, que assumidamente não morrem de amores pelo campo. Além disso, Esterci (1985) nos lembra que o termo "peão", etimologicamente, foi construído sobre a raiz latina *pes-pedis* (pé) e remete 'àquele que anda a pé' (p. 237).

Comentando sobre sua avó, cuja situação lhe parecia muito triste - abandonada pelo marido há muito tempo, até aqueles dias, já idosa e cansada, ela tinha que trabalhar na roça -, um rapaz que eu conhecia destacava que, se tivesse condições, arrumaria um jeito de livrá-la desse tipo de obrigação: "Se dependesse de mim, ela nunca

mais punha o pé no chão!". Esse mesmo rapaz lembrava também dos dias confortáveis da sua infância, quando a renda que o pai obtinha no garimpo permitia à família uma vida de fartura e tranquilidade. Seu pai, além disso, não "deixava eles pisarem no chão": tudo eram *mondômias*, roupas novas... Se quisessem comprar um carro e pagar à vista, eles podiam. (Note-se que, mais uma vez, o carro aparece como o exemplo preferencial para aqueles que querem sinalizar a existência de uma situação financeira favorável e do que ela possibilita.) Já Regina, no capítulo anterior, 'idealizava' o passado em que vivia antes das barragens: "Todo mundo, todo mundo vivia bem, todo menino calçava bem...."

Se pisar no chão é, em alguma medida, algo desagradável, *ser pisado* o é ainda mais. Na secretaria do movimento, presenciei diversas pessoas que reclamavam de que ali eram *pisadas*. Estas pessoas se sentiam *humilhadas* por terem, por exemplo, de ficar tanto tempo na fila, esperando uma cesta básica. No que se refere a esta ou aquela criança, ela é malcriada? Pois é preciso dar-lhe um corretivo, uma taca, uma *pisa* nela... Dizem-se *pisadas* "como um tapete" também as mães que se sentem injustiçadas pelos filhos, de quem cuidaram com tanta atenção e que agora não lhes concedem tanta atenção ou nutrem planos de irem embora de casa.

Andar de pé, desta forma, é também encontrar-se em má situação financeira, é estar *rodado*. Sebastião trabalhara muitos anos como *percentista* de Marieta nos garimpos de Crixás. Alguns anos depois, veio a reencontrá-la em Minaçu, e qual não foi a sua surpresa? Aquela mulher que conhecera no passado tão bem de vida, rica e cheia de si, estava ali na sua frente *andando de pé*, passando aquelas dificuldades todas. E não é também pela referência às suas formas de deslocamento que são caracterizados de maneira pejorativa os calungas, descendentes de escravos que desde o século XVIII se escondem lá para os lados de Cavalcante? "Os calungas, aquele povo, você sabe como é, esse tipo de gente que fica dias sem comer, só meio do mato, que vem *andando de pé* até a cidade... E que sai daqui com o *pé inchado*, de tanta cachaça que enfiou no rabo!"

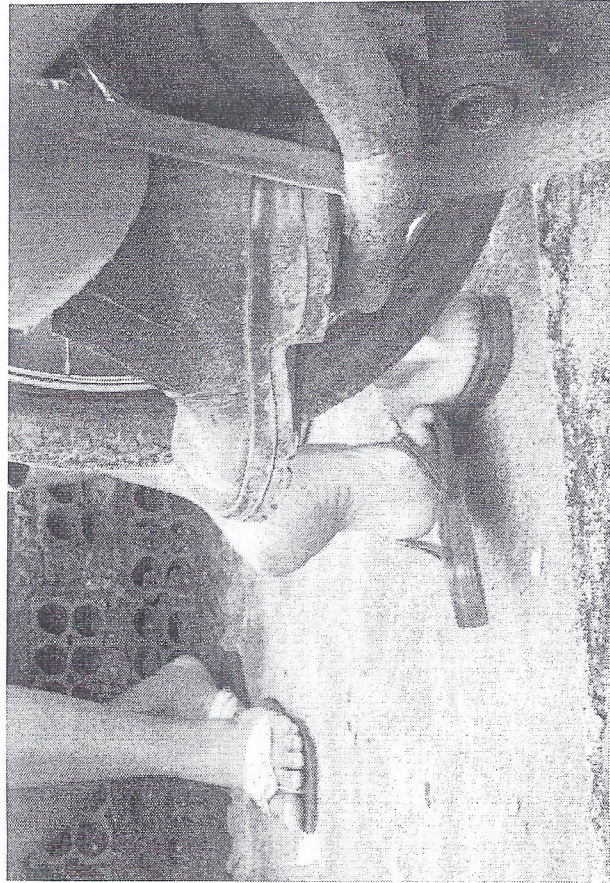


Fig. 10: Pés (rachados ou não), rodas, sandálias, botas, o chão.

De certa maneira, há uma qualidade feminina no andar, vinculada diretamente à desvalorização desse ato (presente também no que se refere àqueles calungas, a quem se atribui certa 'primitividade'). Tal associação parece articular-se a uma longa tradição onde o *rodar* é encarado como algo que, se não é vedado às mulheres, é uma prática preferencialmente masculina. Especialmente quando o que está em jogo é a mobilidade que se exerce no *mundo* – espaço que, como veremos em mais detalhes adiante, se define pela contraposição ao familiar e ao doméstico.

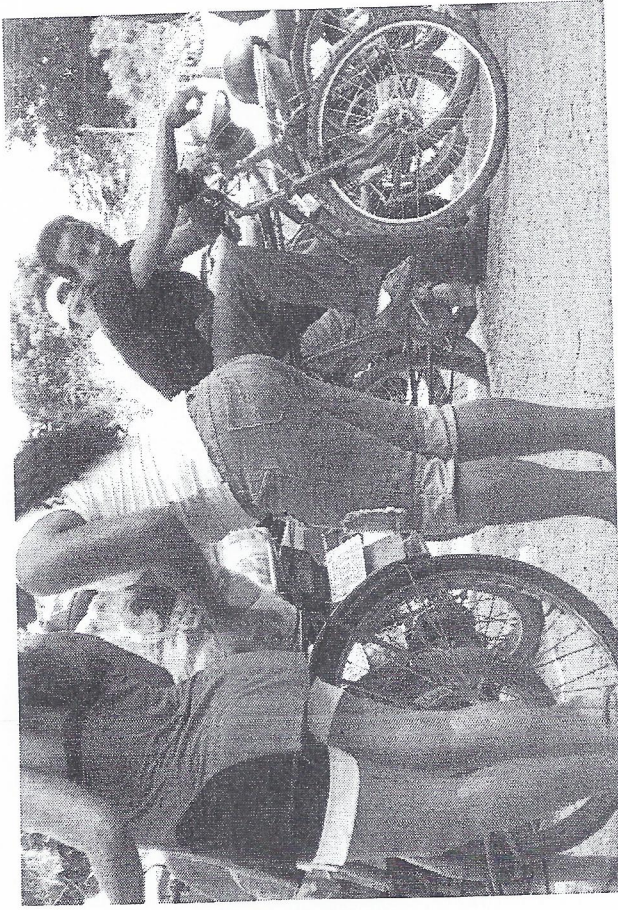


Fig. 11: Elas carregam as cestas, eles observam à distância.

As transformações que se sucederam ao fim do garimpo em Minaçu parecem ter reforçado essa tendência, como um subproduto de um processo mais amplo de 'masculinização' da vida social que promoveu um incremento na hierarquia já existente entre os sexos. Afinal de contas, e de acordo com todos aqueles tópicos que discuti no capítulo anterior, foram basicamente os homens jovens e saudáveis, trabalhando em grandes projetos ou *firmas* a eles vinculados, os que conseguiram escapar às dificuldades econômicas que, no seio das camadas populares de Minaçu, passaram a afligir todos aqueles que antes viviam da extração de ouro. A julgar pelos depoimentos a respeito do passado anterior às barragens, há poucas dúvidas de que o garimpo, mesmo sendo uma atividade predominantemente masculina, permitia uma distribuição mais igualitária (entre os gêneros e as gerações) da riqueza que circulava junto a essas pessoas. No garimpo, como Regina nos lembrava no capítulo anterior, até mesmo as crianças tinham como tirar "um dinheirinho" para elas, pegando uma batata e encontrando algum ouro.

Associando os veículos primordialmente aos homens, não quero dizer, porém, que existam restrições ou inconvenientes para as mulheres que, tendo condições para tanto, os possuam ou os guiem. Não só no que diz respeito a este tópico, tenho a impressão de que a incorporação de determinados valores e práticas ‘masculinos’ pelas mulheres não é algo raro, e nem mesmo implica qualquer estigma ou preconceito – sendo mesmo, por vezes, avaliado positivamente. Assim, conheci diversas mulheres famosas pela sua coragem e pela sua disposição e capacidade de sair no braço com os homens; outras que foram *proprietárias* no garimpo, empregando diversos homens; à medida que os homens foram abandonando a cidade, as mulheres passaram a ser inclusive a maioria entre os *coordenadores* do movimento (nenhuma delas, porém, se aproximou do topo da sua hierarquia). Uma destas *coordenadoras* que conheci em 2008 já não estava na cidade quando para lá voltei em 2009: tinha ido trabalhar na obra da Usina Hidrelétrica de Estreito, tendo já deixado de ser *ajudante* por ter conseguido uma *profissão*, como armadora. Se estes casos eram exceções ou o produto de circunstâncias excepcionais, isso não implicava que, em virtude disso, fossem encarados com estranheza ou incômodo pelos homens ou por outras mulheres.

No que se refere aos veículos, eles certamente despertam interesse e paixão nelas; menos do que neles, mas ainda assim bem mais – parece-me – do que em mim mesmo ou nos meus amigos e familiares. Aquela ‘incorporação’ dos valores masculinos pode ser exemplificada a partir do que se passou com algumas das moças que, tendo ido “vender a pamonha” na Suíça ou na Espanha, evidenciavam o sucesso de sua empreitada no exterior com a compra de uma casa e de um carro luxuoso, geralmente uma caminhonete Hilux – como se, possuindo e exibindo estes dois bens, reivindicassem para si, ao mesmo tempo, a estabilidade doméstica feminina e a autonomia, liberdade e mobilidade dos homens.³² Mas que mulher entre as que conheci não sonhava ao mesmo tempo com essas duas coisas?

Além de se exercer no *mundo*, a mobilidade acontece também no interior da cidade: ela pode ser também ‘intraurbana’ – se quisermos apelar para uma distinção presente em uma forma de pensar que nos é habitual (e que contrapõe a esta última os movimentos “interurbanos”, o que consideramos ser uma “migração” propriamente dita) e que pouco ajuda a elucidar o caso de que trato aqui. (Voltarei a esse ponto mais adiante, ao argumentar que alguns adolescentes vivenciam ‘dentro’ da cidade certo tipo de experiência com que homens mais velhos se defrontam, mais intensamente, ‘entre’ as cidades.) E também aí o que há de ‘feminino’ no andar pode ser percebido.

Sentado na calçada em frente à secretaria do MAB, avisto um bando subindo lentamente a Avenida Araguaia. Já familiarizado com aquele trecho da cidade, suponho – acertadamente – que ele se dirige justamente para o prédio em cuja porta me encontro no momento. Certamente não é a primeira vez que me deparo com esses comboios que, vindos de algum setor pobre da cidade, costumam incluir três ou quatro mulheres, algumas sombrinhas, uma ou outra bicicleta, talvez um cachorro ou dois e diversas crianças pequenas (às vezes uma delas carregando outra, esta última ainda menor do que a primeira). O grupo é barulhento, com vozes femininas se sobrepondo, eventualmente alguma música vazando de um aparelho celular ou de um mp3 paraguaio carregado por algo ou alguém, e alvoroço de crianças que correm para todo o lado (sempre correndo o risco de serem atropeladas, o que infelizmente acontece com grande frequência na cidade). Era em grupos como esses que chegavam muitas das pessoas que iam lotar a secretaria nos dias de reuniões de grupo ou de entrega de cestas básicas.

Por diversas vezes acompanhei minhas conhecidas em caminhadas por Minaçu. Junto a Regina e sua primogênita, íamos buscar a filha da última na creche e depois resolver alguma *coisa* na Avenida Maranhão.

ambigüidade e o caráter liminar das prostitutas com relação à polaridade homem-mulher: “uma vez reclassificadas como prostitutas, as mulheres ‘desonradas’ passam a desfrutar, por sua autonomia, de certo respeito e camaradagem que os homens não dispensam às demais mulheres. A zona de prostituição passa a ser um local público muito peculiar de sociabilidade intersexo e, possivelmente, revelador de necessidades não satisfeitas pelo cotidiano dominado por esse estrito dualismo homem-mulher” (p. 22).

32. Velho (2007a), tratando da “fronteira” na Amazônia Oriental, assinalou a

Com Aparecida, circulei por todos os cantos imagináveis da cidade e das redondezas, já que era basicamente assim que ela ocupava seus dias: visitando lojas e repartições públicas, indo fazer alguma reclamação ou reivindicar algo, fazendo visitas a conhecidos, embrenhando-nos no mato ou num quintal de algum conhecido para procurar frutas, legumes ou ervas. Fabiana, para quem “andar de turminha” era inevitavelmente algo diferente de caminhar só, volta e meia ligava para meu celular, me chamando para acompanhá-la para qualquer lugar que eu — de acordo com ela — não podia deixar de conhecer: iria ser ótimo para minha pesquisa ir até lá! “Andar de turminha”: desconfo que essa é uma forma de denominar a prática em que se engajavam comboios como o descrito no parágrafo anterior.

A esse respeito, não demorei muito para que eu me desse conta de um certo padrão no meu trabalho de campo. Junto às mulheres, eu fazia pesquisa e coletava dados circulando pela cidade. Eventualmente, fazia a mesma coisa com pessoas do sexo masculino também — mas estes últimos eram necessariamente adolescentes. No único registro que possuo de uma ocasião em que caminhei junto a um homem adulto, nós dois íamos até o quartinho onde ele morava, e que fazia questão que eu conhecesse. Na imensa maioria das vezes, meu convívio com os homens ocorria na secretaria do MAB, em longas conversas sob a sombra da mangueira ou de algum telhado; em suas próprias casas, na sala ou na calçada defronte a elas; em bares; e mesmo dentro dos automóveis que um ou outro possuía. Se por um lado essas informações remetem a especificidades relativas aos relacionamentos que estabeleci em Minaçu (e, portanto, também à forma como realizei minha pesquisa), por outro elas sinalizam, sem dúvida, algo a respeito dos hábitos locais — afinal de contas, eu estava ciente de que meu trabalho consistia, entre outras coisas, em “seguir os nativos” por onde e como eles fossem.

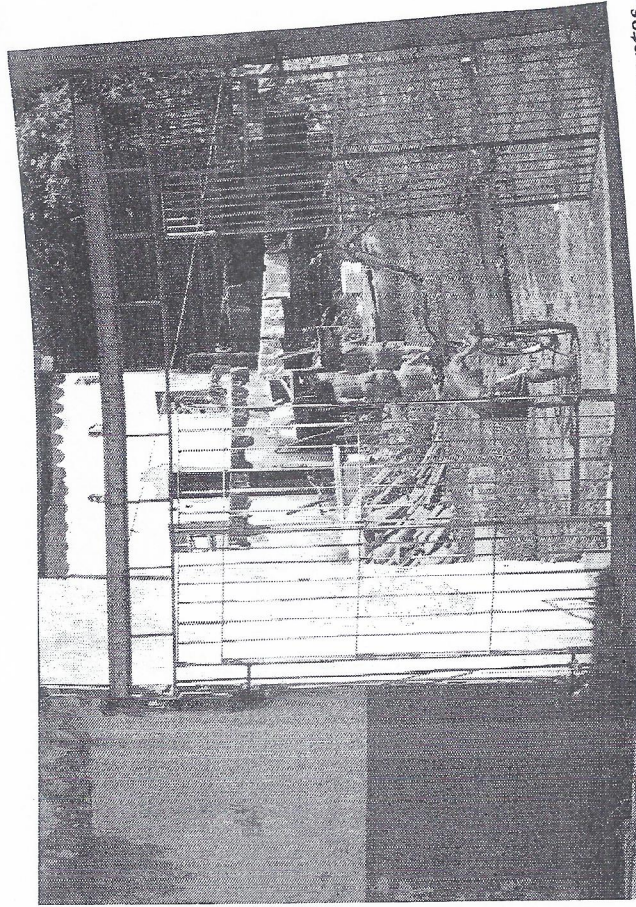


Fig. 12: Nove meses após a febre, estes quartinhos têm novos ocupantes.

PARTE 3 – O MUNDO E O TRECHO

A família e a mobilidade enquanto valores

Quando se mudou para a capital, Anderson — o filho de Altino e Regina, mencionado no início deste capítulo na descrição naquele almoço onde se celebrava sua volta para casa durante um feriado — foi dividir uma casa com uma conhecida da família. Tanto ele como seus pais concordavam que não fazia sentido ir morar com um de seus inúmeros tios ou tias que já estavam lá. “Sabe como é, parente cobra muito... ‘Eu te fiz isso, eu te fiz aquilo’. E tudo acaba ficando mais fácil na casa deles, a responsabilidade diminui...” — quem dizia isso era sua irmã mais velha, explicando-me as razões daquela decisão familiar.

O controle, a assistência, as obrigações recíprocas características dos vínculos familiares parecem assim ser considerados, em alguma medida, inadequados (ou apenas pouco recomendáveis) para aquele

que vai encarar o *trecho*. Em especial para alguém que vai fazê-lo pela primeira vez, e contando com o apoio e a expectativa dos familiares que deixa para trás.

Já morando há algum tempo em Goiânia, Anderson certo dia disse que tinha “algo para confessar”:

Quando eu era mais novo e brigava com meus pais por qualquer bobagem, eles diziam: “um dia o *trecho* vai te ensinar”. Eu nem ligava para aquilo, achava uma bobagem. Mas hoje vejo como eles tinham razão! Sei hoje que o *trecho* bate, que a gente sofre, que a gente aprende. É isso o que vivo hoje em dia aqui na selva que é essa cidade, passando por tanto aperto... Não tenha dúvida disso: hoje que conheço melhor o que é o *mundo*, sou uma pessoa melhor, entendo e valorizo muito mais meus pais. Tenho até vergonha de como eu era antes. Por meus pais, hoje eu faço qualquer coisa!

Sob certos aspectos, o *trecho* aparece como uma verdadeira ameaça à família, como motivo de inquietação e sofrimento para os pais, sempre temerosos de que os filhos *se percam* por causa de drogas ou más companhias; de que sofram acidentes ou arrumem *desavenças*; de que *sumam no mundo* e não deem mais notícias.

Porém, o que a experiência de Anderson em Goiânia mostra é que o *trecho* não é encarado como algo intrinsecamente ruim ou pernicioso. Ele está associado a uma imprevisibilidade e a perigos que se constituem em algo como o contraponto às dinâmicas e relações que vigoram no ‘domínio’ do familiar (ou seja, do que se refere à família; e também do que é conhecido). Essa imprevisibilidade e esses perigos, porém, produzem também efeitos educativos. Nesse sentido, é de interesse da própria família que seus membros mais novos saiam de casa, enfrentem dificuldades e assim amadureçam. *Bater para ensinar*: não são somente os pais que fazem isso, mas também o próprio *trecho*, que complementaria assim a educação oferecida por eles.

Essa complementaridade está vinculada, entre outras coisas, a uma distinção na natureza dos vínculos que se estabelecem nesses dois domínios. O comentário da irmã de Anderson a respeito dos motivos que levaram o irmão a não morar com parentes em Goiânia

são bastante sugestivos. O que parece marcar de modo diferencial a vida no *trecho* são relações estruturadas a partir de princípios distintos daquela ‘reciprocidade’ emblemática do universo familiar. No limite, ao trecho se encontram associadas outras modalidades de troca. Nesse sentido, ele seria então o espaço por excelência (o que não quer dizer “exclusivo”) de certas práticas que, em outros contextos, seriam mal vistas ou objeto de condenações mais severas: a generosidade ‘potichiana’ dos que “fecham cabarés” ou gastam todo seu salário em farras com amigos; a fuga de obrigações e compromissos, particularmente os mais duradouros (“Engravidei a menina? Tá na hora de *pegar descendo*, de *sumir no mundo*...”); o apelo às transações que não implicam a exigência de maiores retribuições, como certas modalidades do *pedir* como o “se-me-dão” (“To fumando agora na base do se-me-dão [cigarros!]”); a malandragem dos que recorrem a pequenos golpes, “171 pra cá, 171 pra lá”.

O aprendizado que um pai espera que seu filho obtenha no trecho não é – na maioria das vezes – o dessas práticas. Dentre diversas outras coisas, o que ele pretende é sim que o filho trave contato com o *mundo*, universo onde elas proliferam, familiarizando-se e sabendo lidar com elas e com outras coisas, mais sérias e cruéis. E que o faça por sua própria conta, para que perceba que o tipo de relação e de vivência característicos da família são antes a exceção do que a regra. No *trecho* não há como não experimentar o *mundo*.

O *trecho*, assim, é o locus por excelência do contato com o *mundo*, aquela ‘área’ ou ‘universo’ onde este último pode ser apreendido em toda a sua exuberância. Mas se o mundo em grande medida se confunde com o trecho, a ele não se restringe. Não está nunca descartada a sua irrupção no interior do ‘não trecho’, do familiar, do doméstico, do ‘social’, do conhecido – como veremos logo adiante, no que se refere àquelas crianças e adolescentes que, antes de saírem de casa, já haviam se deparado com esse *mundo*.

Lógica e ontologicamente, o *mundo* é primeiro, é o que existe antes de mais nada. Enquanto fundamento da cosmologia que aqui esboço, ele remete ao turbilhão de movimentos marcados pelo rebuliço, pela instabilidade, pela incerteza e pela pura diferença. Talvez por isso ele assuste e encante ao mesmo tempo, e com tanta intensidade.

Conhecer ou encarar o mundo é cair na realidade, é encarar a vida; e dar-se conta do que há de contingente e provisório no lar e na família. É no mundo — longe de casa, no trecho — que o mundo — a vida, a realidade — se revela em toda a sua plenitude.³³ Este mundo é, assim, um 'lugar' perigoso e traiçoeiro — mas também fascinante e repleto de possibilidades.

Dessa forma, a segurança e a previsibilidade relativas da casa são o resultado de esforços que buscam justamente delimitar, nesse mundo e pela domesticação de suas forças, espaços que oferecem alguma proteção e conforto. Esses esforços são capazes de criar, assim, enclaves ou áreas protegidas onde a periculosidade e inconsistência das relações e forças características desse mundo, sua indomável e furiosa (in)diferença, foram domadas em prol de uma certa estabilidade e previsibilidade; áreas onde é possível gozar, por exemplo, de coisas excepcionais (no sentido de que vão contra a regra do mundo) como a *mordomia*. Estes enclaves são espaços ou estados de relativa suspensão: os que restringem a sua existência a ele não "põem os pés no chão". Cair na realidade é cair, é ser bruscamente retirado dessa suspensão artificial; é pisar o chão, é correr o risco de ser pisado — de ser feito de chão.³⁴

33. Também os interlocutores de Rumstain (2008), trabalhadores maranhenses das plantações de soja do Mato Grosso, promovem associações entre estes termos — mundo, trecho, vida — na direção aqui assinalada. É assim que, para um deles, o "peão do trecho", tal como ele, é o "peão solto no mundo, solto na vida". A autora destaca, assim, que o "trecho passa a constituir uma metáfora para a própria vida, de idas e vindas pela estrada, conforme anunciou um informante e, posteriormente, amigo. O 'trecho' é a marca dos 'peões maranhenses', que não raras vezes empregam a expressão 'tô no trecho' ou 'o trecho ensina' como se fossem referência a um 'modo de vida' que, conforme observado, não é bem visto pelos que são do lugar: os habitantes de uma parte da cidade, os contratantes, os gerentes ou comerciantes que os vêem com os de fora" (p. 47).

34. Estudando os moradores de um albergue de "excluídos" em São Paulo, Nasser (2001, p. 145-165) apresenta depoimentos em que ficam evidentes algumas das associações sugeridas aqui, com o termo mundo aparecendo com estes mesmos significados. Sobre o conhecimento do mundo e a necessidade de distanciamento da

Ser forte é parar quieto; permanecer.

Guimarães Rosa — Grande Sertão: Veredas.

Os esforços para, dominando o mundo, criar — por exemplo — uma família são com frequência hercúleos. E, de acordo com uma sugestão oferecida pelo próprio Anderson, devem ser creditados, acima de tudo, à tenacidade e valentia de mulheres *brigadeiras* e *sufredoras* como Regina, sua mãe. Ela é, segundo ele, alguém que nunca soube o que é poder deitar a cabeça no travesseiro e dizer para si mesma: "posso dormir em paz!". Hoje em dia (após ele já ter se defrontado com o mundo, via o trecho) ele é capaz de entender o que ela teve que aguentar, e como teve que lutar para que ele e os irmãos "tivessem uma família, tivessem pai e mãe". Nesse sentido, esses esforços são frequentemente contrapostos aos "planos sem vigor" dos homens — para falar como a Dona Francisca do capítulo I. O que isso tudo sinaliza é que a família não é um dado 'natural', mas antes o resultado de esforços muitas vezes gigantescos contra as forças disruptivas (do mundo, da vida, do trecho), que tanto atuam para a sua dissolução. Para torná-la algo *durável*, como o próprio Anderson sugere, é preciso alguém com a valentia e o heroísmo de sua mãe.

De uma maneira geral, não é simples para uma mãe desempenhar bem o seu papel. Segurar as pontas, manter a família unida. Aguentar dentro de casa um homem que com frequência bebe e tem rompantes de violência. Impedir que as filhas se *percam na vida* e que os filhos *sumam no mundo*. Não perder a cabeça, nem o juízo. Como fazer com que tais elementos, já em si centrifugos, permaneçam unidos? Algo sem dúvida complicado, ainda mais quando o que está em jogo são contextos como aqueles delineados pelas transformações recentes em família para que isso ocorra: "depois que eu perdi minha mãe, eu já fui aí pro mundo e queria curtir minha vida com liberdade, ficar no meu canto e me sentir dono do meu nariz... Se ela estivesse viva, eu não estaria aqui, e nem teria conhecido o que era o mundo". Note-se que a própria referência aos "excluídos", presente inclusive no título desta obra, aproxima as pessoas estudadas por Nasser daqueles "trecheiros" — frequentemente tomados como objeto de estudo na sua condição de 'usuários' de serviços públicos tais quais aqueles albergues.

Minaçu, quando essas tendências à dispersão e à fuga são tão intencionalmente estimuladas. A união de uma família, contra tudo e contra todos, definitivamente se constrói — mas como isso é difícil!

E parece-me haver uma relação — que não sei exatamente qual é — entre esses atributos femininos e os poderes “mágicos” que frequentemente se atribuem às mães e avós. Estas últimas seriam capazes, por exemplo, de antecipar e prever acontecimentos que no futuro irão gerar complicações domésticas, como a gravidez das filhas. Talvez por isso também as *pragas* rogadas por estas mães sejam levadas tão a sério pelos filhos a que elas se destinam. Geralmente, não nos momentos em que são proferidas: seu efeito parece residir no fato de que só muito tempo depois os filhos irão se dar conta de seu significado e eficácia. O reconhecimento destas *pragas* é encarado, por eles mesmos, como um indício de seu amadurecimento. Foi justamente isso o que se passou com Anderson no que se refere ao seu aprendizado de que o *trecho ensina*. Para ele, os comentários que a mãe lhe dirigira na infância — criticando suas birras e alertando-o de que um dia iria enfrentar dificuldades longe de casa — eram justamente isso: uma *praga*.

As dificuldades referentes a essa tensão entre o *mundo* e a *família* podem ser evidenciadas de maneira particularmente clara pela referência a uma experiência compartilhada por grande parte das “mães” que conheci: em algum momento de suas vidas, elas se viram incumbidas da responsabilidade de *tocar um bar* ou até mesmo um pequeno cabaré. Com frequência isso ocorreu durante uma *febre* — outra circunstância em que as forças do *mundo* se apresentam de modo significativamente intenso. Nestes casos, a casa da *família* com frequência se misturava com os espaços *mundanos*. O filho de uma destas mulheres me contava suas lembranças sobre a Minaçu nos tempos da *febre* do garimpo:

O bar do meu pai ficava bem na boca do negócio. Bem ali quando a cidade começava a ficar mais confusa, mais pesada, com os cabarés, os foias, os bares, aquelas coisas todas do garimpo.

Eu vivia bem no meio delas todas, as putas e os travestis. Às vezes elas me davam dinheiro para que eu mandasse elas tomarem no cu, elas riam muito quando eu falava isso. E me achavam bem bonito... Meu pai vivia bem ali, na boca do negócio. Eu lembro de quando tinha 6

anos e nem sabia o que era sexo, imaginava que tinha vindo da cegonha, e vi uma janela aberta e uma mulher em cima de um homem.

Tenho saudade daquele tempo! Não faltava nada para a gente, o bar sempre cheio. A gente era meio discriminada porque morávamos ali, perto da zona dos foias. E meu pai até avalizava as putas, para comprar televisões... Morávamos ali, meu pai ficava preocupado com algum homem que pudesse entrar na nossa casa, que era bem atrás do bar. Mas olha só, éramos discriminados, mas eu e outros em situação parecida, ninguém se *perdeu*.

*Minha vida é andar por este país
Pra ver se um dia descanso feliz.*

Luiz Gonzaga — *Vida de viajante*.

Retornando a Goiás para meu último período de trabalho de campo, tenho uma agradável surpresa ao chegar do Rio de Janeiro em Goiânia. Instalado no hotel onde já me hospedara em outras ocasiões, descubro que, trabalhando como arrumadeira, ali está uma velha conhecida minha de Minaçu, Anyele.

Durante o meu primeiro trabalho de campo, Anyele trabalhava também num hotel — naquele que eu chamava de “minha casa” em Minaçu. Nessa época, pude acompanhar o desenrolar do relacionamento dela com outro hóspede, um rapaz contratado por uma empreiteira para realizar uma obra na cidade. Reencontrando-a em Goiânia, um ano e meio depois, ela me explicou que, logo depois de eu ter ido embora, foi também, junto com esse rapaz. Os dois vieram então para Rio Verde, no sul do estado, cidade onde ele tinha uma casa (e outra mulher, pelo que me lembro) e muitas ofertas de trabalho. A filha mais nova dela, com 11 ou 12 anos, veio junto. Incomodada com os ciúmes dele, porém, Anyele decidiu pôr um fim ao relacionamento. Foi então para Goiânia, onde ficou sabendo pela rádio da vaga para arrumadeira naquele hotel.

Antes de reencontrá-la, eu já sabia que Anyele não é de Minaçu,

mas morou ali por um tempo e tem uma irmã residindo na cidade. O resto da família está todo *esparrramado*, pelo interior de Goiás, em Mato Grosso, em São Paulo. Sua filha mais velha, sobre a qual ela pouco costumava falar, morava com um parente em Itaporanga – também no norte do estado, na margem oeste da Belém-Brasília. Anyele estivera também na iminência de ir para a Europa. Tinha várias conhecidas que estavam ganhando dinheiro na Suíça e na Espanha e sabia bem o que teria que fazer para ir até lá – acabou desistindo por causa de um namorado.

Em Goiânia, perguntei-lhe sobre Minaçu, sobre o pessoal de lá, se ela não tinha planos de voltar – e ela me garantiu que tão cedo não punha os pés lá. Anyele pretendia sim retornar – “mas só quando eu puder *construir!*”. Somente quando ela tiver condições financeiras de *construir* sua própria casa, no lote que ela já tem ali na Rua 8, em Minaçu Norte...

Construir, verbo intransitivo: após algum tempo me acostumei com esta construção gramatical, referindo-se invariavelmente a projetos e sonhos tais como aqueles acalentados por Anyele; projetos e sonhos, na maior parte das vezes, nutridos por mulheres.

O que o uso desse verbo no intransitivo sugere é que os sentidos atribuídos aos esforços e iniciativas de ‘construção’ – enquanto prática genérica de criação – são em grande medida referidos ao modelo oferecido por uma forma de construção particular – a da *casa*. No que se refere às práticas criativas ou construtivas, a casa é assim “boa para pensar”, conforme a célebre expressão de Lévi-Strauss. A *casa*, idealmente, remete à singular *duração* das coisas estáveis e sólidas, almejadas e mantidas a duras forças diante das forças disruptivas do *mundo*. Lembremo-nos, a esse respeito, da frustração de Elenita, que por um tempo vislumbrou a possibilidade de ter sua *própria* casa, onde moraria junto com o marido e os filhos. E de como ela não se incomodava com a ideia de começar vivendo num lugar precário, num *barraco* – desde que eles pudessem melhorar de casa pouco a pouco, *evoluindo*... O construir enquanto processo está marcado assim – e certamente não só para Elenita – pela ideia dessa *evolução*. *Evoluir* é, assim e de acordo com o modelo fornecido pela *casa*, *construir*.

Em Minaçu – da mesma forma que nas cidades satélites de Brasília

(Borges, 2003) – poucos elementos são tão significativos para marcar essa *evolução* quanto o *muro*. Elenita aceita sim começar sua vida de casada com um *barraco*, mas sem sombra de dúvida sonha com um futuro morando numa *casa murada*. As casas da cidade que suscitavam suspiros em minhas conhecidas eram invariavelmente assim. Eram casas de “rico”, sem sombra de dúvida. Mas seria um equívoco enxergar aí apenas a vontade de emular os mais privilegiados. Mesmo para aqueles em situação mais precária, o ato de murar a casa tem sentidos precisos. Assinala, em primeiro lugar, uma disposição à permanência, espécie de investimento que indica a vontade de acomodar-se num espaço *próprio*. Nesse sentido, sair da casa dos pais e ter a própria casa é semelhante a deixar a casa alugada para *construir* a casa própria. Em segundo lugar, a construção dessa *propriedade* (qualidade do que é *próprio*) é orientada pelo esforço de criar um espaço fechado, erguendo ou erigindo barreiras que mantêm à distância, longe ou fora, tudo aquilo que se associa ao *mundo*. Os mesmos sentidos se fazem presentes, por exemplo, quando um *negócio próprio* é almejado, pois o que está em jogo neste caso é também o esforço de *construir* algo relativamente estável e *durável*, capaz assim de sustentar-se e resistir – relativamente, é claro – ao que há de turbilhão e *movimentado* no *mundo*.

A casa é um espaço fechado, sólido; mas é também um espaço repleto de buracos, muro furado: buracos por onde o *mundo* entra, por onde se *sai* para o *mundo*... O antropólogo está feliz, agora ele não é mais recebido na sala de visitas, pode ir entrando pela porta do fundo. Portas das salas e portas dos fundos, pelas quais se pode “ir entrando” ou que demandam uma aproximação lenta, induzindo toda uma multiplicidade de velocidades diferenciais para os que vêm do *mundo* ou para lá vão. E janelas também, é claro: por onde entra silenciosa e suavemente o *pé-de-pano*, ou por onde ele sai correndo. A visita que *chega*, batida na porta, cara de surpresa, a mão se enxugando na saia, desculpa pela bagunça, é casa de pobre, acabei de passar um café, mas é claro que pode fumar bate essa cinza no chão aí mesmo. “Menina, vai rapidinho ali na Claudete pegar uma xícara de açúcar pra mim, vai num pé e volta no outro, corre lá!” Velocidades diferenciais nessas passagens – *andar*, *correr*, *chegar*; não conseguir alcançar a porta vindo bêbado da rua de madrugada, ter de solicitar a ajuda de alguém lá

de dentro. Pede um mototáxi que você chega rapidinho, vim *voariado* quando me disseram que você já tinha chegado aqui em casa! Pontos a partir dos quais algumas coisas se aceleram, outras se desaceleram.

Entrar em casa é *sossegar*, é deixar aquela *agitação e correria* lá fora. Cada vez que chega em casa depois de um dia debaixo do *sol*, Regina põe em movimento a tensão que orienta seus sonhos para o futuro, desacelera nesse aqui e agora como pretende ser capaz de desacelerar de vez um dia: chegar no final da vida e poder descansar, ficar *tranquila*. Depois de tanto andar, qualquer um merece um descanso — seja no que se refere ao fim de um dia de trabalho ou ao final da vida, quando tanto se almeja alguma paz. Lembremo-nos de como Anderson apresenta as dificuldades vividas pela mãe: ela é alguém que, segundo ele, estando sempre cercada de problemas nunca pôde colocar a cabeça no travesseiro e pensar “está tudo tranquilo, posso dormir em paz!”³⁵

A respeito desse *construir*, Borges (2003) tem algo importante para destacar:

O desejo de Dona Maria, quando conversamos, era terminar sua casa: “Deus permita que eu tenha uma casa boa, bonita, com as minhas coisas bem bonitinhas. Porque o meu sonho é ter as coisas bem bonitinhas”. Esta declaração alude à aspiração de possuir um conjunto de crenças coeso, que jamais pudesse ou voltasse a ser abalado por dúvidas alheias, exteriores. Um desejo por certo irrealizável que, ao mesmo tempo, é o que sustenta e constitui a atual crença de Dona Maria e Seu Vitória. (p. 34)

Não é a questão da “crença” o que me interessa aí, mas antes o destaque concedido a essas “coisas bonitinhas” e o fato delas se vincularem a “um desejo por certo irrealizável”, mas por isso mesmo significativo: desejo atrelado a esforços incansáveis para criar alguma

ordem ou coesão, contraponto necessário a tudo que há de duvidoso e alheio naquele exterior.

Isso tudo adquire mais sentido se trazemos a essa questão o ponto de vista e as trajetórias masculinas, e também tudo aquilo que os incita a *sair e rodar* pelo mundo. “Moço, sai do Piauí e virei garimpeiro. Rodei por tudo quanto é canto, estive no Pará, no Maranhão, em Mato Grosso, na Bahia, no Amazonas, conheci todos os garimpos de Goiás. *Curti* muito... Aí eu encontrei uma mulher em Uruaçu, *casi e sosseguei!*” As trajetórias de vida mostram que, no plano diacrônico, desenvolve-se a mesma oposição: à balbúrdia e confusão da vida no *mundo*, sucede-se o *sossego* ou a *tranquilidade*. Sincronicamente, ao separar a *casa do mundo*, o muro erguido propicia essas mesmas coisas: *sossego, tranquilidade*.

O próprio exemplo de Anyele é importante por relativizar afirmações aqui colocadas, identificando a princípio os homens com o *mundo* e as mulheres com a *casa*. Se ela tanto *roda*, contemplando possibilidades arriscadas, é também por saber que isso é preciso para que possa, um dia, começar a *construir*. Por outro lado, esses homens que *casam e sossegam* não renunciavam inteiramente às aventuras e peripécias que tanto marcaram sua juventude. Não por acaso o homem cujo depoimento foi citado no parágrafo anterior é um dos mais notórios *pés-de-pano* da cidade de Minaçu. Pelo jeito ele não anda tão sossegado assim...

Esse vetor que ameaça trazer a ordem — desordenadora e munitana — do *mundo* para dentro de casa não se manifesta somente fora dela, quando se está em terras distantes ou em movimento, fisicamente distante do lar. Não é preciso ir muito longe para topar com o *modo* (embora seja aí, nas distâncias e caminhos do *trecho*, o seu locus por excelência), pois ele pode vir bater à porta e entrar sem qualquer cerimônia ou licença.

No final do capítulo anterior, associei e comparei a alta rotatividade de dos *guardas* do meu hotel às constantes mudanças de emprego dos trabalhadores qualificados das *firmas*. Aqui, pretendo assinalar outras semelhanças entre pessoas como essas, contrapondo os adolescentes

35. Cf. Duarte (1986), a respeito das classes trabalhadoras urbanas, “a *aposentadoria* é um precioso bem (...) e que, sob sua forma regular, vem propiciar alguns anos de relativo desafogo e remanso a vidas tão duramente desgastadas na luta cotidiana” (p. 194, grifos do autor).

A pequena Lucinéia, com seus 7 anos, está morando agora na casa de sua madrinha. Chama a esta última de “madrinha”; ao marido dela, chama de “pai”. A madrinha pegou-a para criar quando Lucinéia era muito pequena, já que considerava que ela não estava sendo bem tratada pela mãe, uma mulher meio “perdida na vida”, mãe solteira de várias crianças. Lucinéia passou um tempo com a madrinha; mas logo depois a mãe a “pediu” de volta, porque ia embora de Minaçu. A madrinha e o marido choraram, lamentaram muito, mas entregaram a criança. E eles já não tinham passado por isso em outras ocasiões? Eles já não tinham *ajudado a criar* tantos meninos e meninas? Dentre esses, alguns não tinham ido embora definitivamente, levados pelos pais ou parentes para outro lugar? Pouco tempo depois, porém, Lucinéia já estava de volta à casa deles. A mãe da criança retornara, e Lucinéia passara a alternar alguns períodos na casa desta com outros passados junto à madrinha. É uma “pobre criança”, na opinião dos que frequentam ou moram nesta última residência. E um amigo da família não tem muitas reticências em reconhecer que um filho de criação não é a mesma coisa que um filho de sangue.

Vê só essa Lucinéia, já viu o tanto que ela trabalha nessa casa? Que nem *escrava!* E você já viu como por qualquer bobagem todo mundo já pega uma varinha e parte pra cima da menina? Tem uns aqui que parecem só saber bater!

Georgiana amadureceu cedo. Com pouco mais de 15 anos, teve que encarar a *realidade*. Sua própria mãe é testemunha disso:

Mal tinha deixado de ser criança, essa menina aprendeu a viver com o *mundo*. Quem mandou engravidar tão nova? Pois já que aconteceu isso, ela teve que se virar. Aprendeu desde cedo, mas não tinha outro jeito: *perdeu-se*, arrumou um filho, aí foi obrigada a *correr atrás* e a ver como a *vida* é dura. Ah, mas o *mundo* ensina: não tenha dúvida disso...

Assim, não é preciso partir ou pôr o pé na estrada para se deparar com o *mundo*: ele pode ser experimentado mesmo dentro de *casa*. Uma moça que engravidou fora do casamento põe em xeque a posição

que, tais como os *guardas*, ainda ‘moram’ na cidade de Minaçu, àqueles homens mais velhos que eles (mas não muito mais) que já *rodam o trecho*.

Hugo é natural de Pirapora, Minas Gerais. Chegou em Minaçu pequeno, “com a família”. A mãe era dona de um dos únicos *foias* que permaneciam abertos na cidade quando estive lá, mas eles pouco se relacionavam. Quando o conheci, vivia numa casa que um comerciante rico da cidade cedera para ele – segundo o próprio Hugo, este homem fazia isso em troca dos serviços sexuais que ele lhe prestava. Pouco tempo depois, ele já havia mudado de residência. Estava morando com dois amigos em outra casa. Em função de um desentendimento com um deles, Hugo e o outro amigo desistiram desse arranjo e passaram alguns dias no quarto de um hotel cujo dono conhecia bem, por ter sido patrão de ambos num passado não muito distante. Logo em seguida mudaram-se novamente, dessa vez para a casa da irmã de Hugo. Tudo isso se passou durante o meu primeiro trabalho de campo, ao longo de não mais que dois meses.

Naturalmente não são apenas os jovens que mudam de residência com frequência dentro de Minaçu. O que quero destacar aqui, acima de tudo, é o fato de que, muitas vezes, aqueles que encaram o *trecho* já passaram por experiências que, mesmo confinadas pelos limites de uma mesma cidade, lhes permitiram vivenciar algumas das vicissitudes características do *mundo*, as sucessivas mudanças de residência sendo também o índice de certa instabilidade originada de um contato precoce com o que pode haver de agreste, cruel ou imprevisível nas forças dele. Quando enfrentam o *trecho* propriamente dito, eles o fazem já em alguma medida preparados – amaciados e endurecidos – por experiências de sua infância e juventude; antes de encarar o *trecho*, já se defrontaram com o *mundo*.³⁶ (Foi isso o que aconteceu com Hugo. Quando voltei ao campo pela segunda vez, ele já não estava em Minaçu. Pelo que me pareceu, ele finalmente tinha executado aquilo que sempre dizia que faria um dia – ir embora daquela cidade.)

36. Neste caso, poderíamos dizer, de acordo com os termos de Woortmann (1987, p. 31), que o que está em jogo é aquela “socialização antecipatória” que, presente nos mais diversos cantos e contextos do país, mitiga as dificuldades relativas à “migração” e ao mesmo tempo funciona como um estímulo para que ela aconteça.

e a segurança que goza na família, assim como a própria segurança familiar: introduz no seio do lar um vetor que arrasta consigo elementos que deveriam ter sido deixados lá fora. Não é também por causa disso que se erige uma casa, que se constitui esse abrigo, área relativamente protegida onde a instabilidade deve dar lugar ao conforto e à previsibilidade? Esterci (1985) lembra que “perder-se” é perder a virgindade fora do casamento. No universo estudado por ela, isso é razão suficiente para que uma mulher seja expulsa de casa e *caia no mundo*; com muita frequência, ela se tornará uma prostituta. O ato de expulsão e o destino destas moças parecem explicitar bem o sentido das fronteiras delimitadas pela casa, e o que decorre de sua transgressão: para aquelas que se deixaram macular pelo *mundo*, desrespeitando as leis e domínios domésticos, restou a possibilidade de entregar-se por inteiro a ele; “é como se se fizesse uma dicotomia definitiva entre a vida familiar, plenamente observadora das regras, e a prostituição, como espaço dos infratores dessas regras, social e espacialmente segregados” (Esterci, 1985, p. 229). No caso de que trato aqui, as sanções enfrentadas pelas que engravidam fora do casamento não são dessa ordem, nem tão radicais – ao menos nos dias de hoje. Ainda assim, tanto lá como cá os sentidos que orientam a relação da casa com seu exterior (ou vice-versa) parecem ser basicamente os mesmos.

Walliston, com pouco mais de 10 anos, também teve que encarar a *realidade*. Até então, sua vida tinha sido muito boa. O pai, enriquecendo com o garimpo, não deixava que eles “pusessem o pé no chão”. Mas aí chegaram as barragens, o garimpo acabou. A família ficou sem dinheiro, ele foi obrigado a procurar um emprego. E deparou-se ainda com o esfacelamento de sua família, com o pai e a mãe que, desespeçados, entregaram-se à bebida, passando a enfrentar-se munidos de facas e a ameaçar também os filhos. “Foi aí que fui aprender o que é a *vida*. Antes mesmo de sair de casa...”

Em todos esses casos, estabelece-se uma distinção entre o que é o *trecho* e o que é o *mundo*. De fato, há inúmeras situações onde estes termos são sinônimos. A distinção presente aqui interessa, porém, por permitir apreender nuances e sentidos diversos associados a essas categorias. O *trecho* se refere, em qualquer situação, à vida do que está em movimento, longe de casa. O *mundo* pode designar, em determinados

contextos, rigorosamente a mesma coisa. Mas ele remete a algo além: o *mundo* é também o universo dessas forças tempestuosas e ‘antiestruturais’, domínio do informe e incerto. Se o *mundo* e o *trecho* às vezes coincidem é porque é no segundo que, com toda a sua exuberância, essas forças podem ser experimentadas e conhecidas.

Esse vetor, assim, não é encarado como algo intrinsecamente ruim ou pernicioso. Está associado a uma imprevisibilidade e a perigos que se constituem em algo como o contraponto às dinâmicas e relações que vigoram no ‘domínio’ do familiar. Mas como argumentei no que se refere àquela questão ‘educativa’, por vezes ele atua a favor ou em função desse familiar.

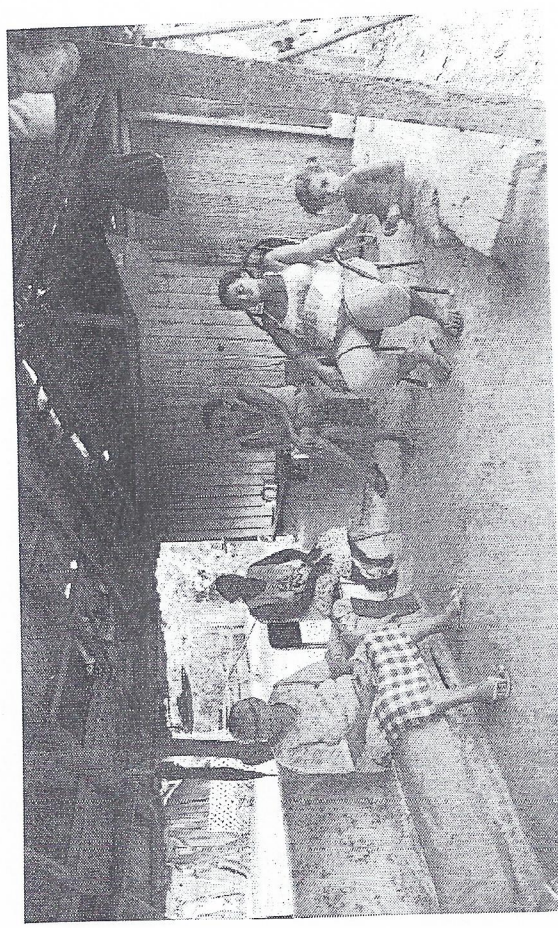


Fig. 13: Uma vizinha; e bisavó, avó, mãe e filha – da esquerda para a direita. Foto: Dimas Guedes.

Do mundo ao trecho

Algumas expressões com que me deparei no campo, designando em geral o movimento de partida, saída ou fuga, encontram-se catalogadas no *Dicionário Aurélio*, na entrada correspondente ao termo “mundo”.

u Abrir no mundo. Bras. N.E. Pop.

1. V. fugir (1 e 2): &

u Arribar no mundo. Bras. N.E. Pop.

1. V. fugir (1 e 2): &

u Azular no mundo. Bras.

1. V. fugir (1 e 2): &

u Cair no mundo. Bras. Pop.

1. V. fugir (1 e 2).

u Correr mundo.

1. Viajar (1): &

2. Fig. Espalhar-se, divulgar-se, propalar-se: &

u Ganhar o mundo. Bras.

1. V. afundar no mundo (1): &

2. V. fugir (1 e 2).

u Pisar no mundo. Bras. S. Pop.

1. V. afundar no mundo (1).

2. V. fugir (1 e 2).

u Ver o mundo com. Bras. N.E. Pop.

1. Sofrer muito com: 2 tenho visto o mundo com esta catástrofe

Em praticamente todas as acepções a ideia de “mundo” está associada a um movimento, identificado no dicionário como um “fugir”. Das oito expressões, sete são apresentadas como “brasileirismos”, e dentre estas seis são também identificadas como expressões “populares” e três estão associadas ao Nordeste. A data de publicação das obras literárias que fornecem os exemplos para essas expressões no dicionário evidencia que ao menos algumas delas são de uso corrente já no início do século passado.

No mesmo dicionário, a consulta ao verbete “fugir” é instrutiva a respeito daquilo que chamei de “vocabulário luxuriante” em torno da ideia de “partida”. Note-se que esta mesma fonte destaca que essas expressões são “quase todas populares, e muitas [delas] brasileirismos”; e também como são frequentes as referências aos “pés” e ao “mundo”. Mesmo que esse tipo de enumeração não permita apreender muito sobre a distribuição regional e situacional desses termos, assim como nada sobre os contextos em que eles são evocados, o que me parece

interessante é a sugestão de que, na ‘cultura popular brasileira’ (ou em alguns de seus segmentos), os atos de “fugir” ou “partir” parecem ter grande importância. Por si só, este verbete do dicionário não permite grandes conclusões — há que relacioná-lo com o que apreendi no campo e com registros de outra ordem (a música popular, a literatura, o cinema aparecendo, de fato, como fontes tão ou mais ricas que os textos acadêmicos — o que não deixa de ser sugestivo a respeito das dificuldades e reticências dos cientistas sociais em apreender e se relacionar com certos fenômenos ‘fugidios’).

[Do lat. fugere.]

V. int.

1. Desviar-se, ou retirar-se apressadamente, para escapar a alguém ou a algum perigo; pôr-se em fuga, arrancar(-se), derrancar(-se).

[Sin. (bras., mg): picar a mula.]

2. Retirar-se em debandada: 2 [Sin., nessas acepç. (quase todos pop., e muitos bras.): abalar, abancar, abrir, abrir no mundo, abrir no pé, abrir nos paus, abrir o arco, abrir o chame, abrir do chame, abrir o pala, abrir o pé, abrir os paños, afundar no mundo, aguçar-se, arrancar(-se), arribar no mundo, azular, azular no mundo, bancar veado, bater a bela plumagem, bater a linda plumagem, bater asa, bater asas, bater as asas, bater em retirada, botar o pé no mundo, cair fora, cair na tigueria, cair nas folhas, cair no brejo, cair no mato, cair no mundo, cair no oco do mundo, campar, capar o mato, capinar, dar à canela, dar aos calcanhares, dar às de vila-diogo, dar às pernas, dar com o pé no mundo, dar na pista, dar no pé, dar nos cascos, dar nos paus, dar o fora, dar o pira, derreter, derreter na quiçaca, desabalar, desatar o punho da rede, desunhar, enfiar a cara no mundo, ensebar as canelas, entupir no oco do mundo, escamar-se, escapulir(-se), esquipar, fazer chão, fazer a pista, folhar, ganhar o mato, ganhar o mundo, garfiar, jogar no veado, largar terra para favas, levantar vôo, mandar-se, mandar-se dizer na estrada, meter o pé no mundo, mostrar as costas, passar, passar sebo nas canelas, pisar, pisar no mundo, pisar no tempo, pisgar-se, pôr-se ao fresco, pôr sebo nas canelas, raspar-se, riscar chão, unhar, virar alcanfor, virar sorvete, zarpar.]

3. Ir-se afastando; ir-se perdendo de vista: 2
4. Passar rapidamente: 2

O termo “trecho”, com o sentido aqui assumido, não está presente em nenhum dos dicionários que pesquisei. De fato, mesmo nos dias de hoje, com as facilidades de pesquisa geradas pelos mecanismos de busca na internet, não é muito fácil encontrar textos escritos que façam referência a ele — o que, por si só, já é um dado significativo, pois sugere como seu uso está mais diretamente vinculado a uma ‘cultura oral’ e a pessoas que não tem o hábito de registrar e publicar, no papel ou no computador, informações a respeito de suas experiências.

Carvalho Franco (1997), tratando daqueles “homens livres” do século XIX, nos lembra:

A referida marginalidade em relação ao sistema econômico, rebatida sobre a larga disponibilidade de recursos naturais, reforçou a grande mobilidade dos componentes dos pequenos grupos, impedindo que se estabelecessem entre eles relações dotadas da durabilidade necessária para a cristalização de obrigação tradicionalmente accitas. (p. 61)

Num outro momento de seu texto, uma formulação parecida aparece: “A intensa mobilidade não favorece o estabelecimento de vínculos estáveis e duradouros, necessários à cristalização de modelos tradicionais” (Carvalho Franco, 1997, p. 39). Estas afirmações devem ser tratadas com algum cuidado. Dependendo de como o termo “cristalização” é compreendido, pode-se supor que algo da ordem da anomia é o corolário dessa “grande mobilidade”. Aqui, recorro mais uma vez a Mello e Souza (2004), que ao invés de colocar a questão em termos dicotômicos — ausência ou presença das obrigações? — introduz matizes ao considerar, por exemplo, a “fragilidade” dos laços sociais.

Essa “grande mobilidade”, a meu ver, não implica a impossibilidade de uma “cristalização” de algo da ordem do “tradicional”. Muito pelo contrário: num *mundo* marcado por tantas instabilidades,

a mobilidade enquanto ‘tradição’ é daquelas poucas coisas *duráveis* e ‘cristalizáveis’. É que lugar melhor que a linguagem para encontrarmos indícios de algo como uma ‘cristalização’?

Já durante meu trabalho de campo, as constantes referências a categorias e expressões que remetiam às ideias de mobilidade e movimento levaram-me a suspeitar que aí, justamente no que se refere a estas questões, havia algo de singular importância para os meus interlocutores. Foi dessa forma que passei a coletar essas categorias e expressões, algum tempo depois reunindo-as no que passei a chamar de “idioma” ou “vocabulário do trecho”.

O uso desse vocabulário se caracteriza, assim, por alguns traços que não apenas o singularizam como evidenciam a sua importância para as pessoas com quem convivi durante meu trabalho de campo: a) a frequência com que esse idioma é evocado; b) a solenidade que por vezes acompanha a sua utilização, como que a explicitar que o que está sendo dito não é algo trivial e merece respeito; c) o luxurante vocabulário disponível, a partir das noções ‘parentes’ de *trecho* e *mundo*, para dar conta das modalidades de partida e das formas de ‘habitar’ esse espaço não familiar, em especial no que se refere a verbos ou locuções verbais que se articulam em torno da ideia de partida: *espalhar no mundo*, *tirar para fora*, *bolar no mundo*, *sair no liso*, *escapulir*, *puxar a carreta*, *vazar*, *pegar descendo*, *rasgar no pé*, *rasgar no mundo*, *correr o trecho*, *correr trecho*, *rodar o trecho*, *andar no trecho*, *espalhar no mundo*, *abrir no mundo*, *tocar no mundo*, *abrir no mundo*, *desgarrar do talo...*

Este vocabulário se articula, como vimos e por um lado, com a realidade dos grandes projetos e dos homens (e mulheres, em menor medida) que neles trabalham. Dito isso, destaco que as trajetórias de alguns dos meus conhecidos de Minaçu (gente que está *no mundo* há 20 ou 30 anos) sugerem que transformações significativas ocorreram por volta dos anos 70. Parece que foi nesse momento — que usualmente associamos às estratégias de integração nacional da ditadura militar e ao modelo de desenvolvimento daí decorrente —, quando os grandes projetos proliferaram e passaram a fazer parte da vida cotidiana de tantos, que o termo *trecho* surgiu. Nesse sentido, aquela “vivência de projetos” de que fala Antonaz (1995, p. 56) poderia ser estendida para outros grupos além daqueles que nasceram e foram criados em vilas

operárias. Naturalmente de outra forma, estes projetos apareceriam também como elementos significativos da “vivência” de pessoas como algumas das que conheci em Minaçu: um conjunto de homens por volta de seus 50 anos, sem qualificação e com pouco ou nenhum estudo, com a trajetória marcada pela alternância nas mais diversas ocupações.

De uma forma um tanto esquemática, eu poderia argumentar que essa geração se distingue tanto da que lhe sucede quanto da que lhe antecede. Ao contrário do que se passa com estes últimos (pessoas com 70 anos ou mais), a geração ‘dos 50 anos’ se destaca pela frequência com que apela para o termo *trecho* para se referir àquilo que, para os homens mais velhos, seria mais ou menos o correspondente ao *mundo*. O que me parece é que a experiência de *rodar o mundo* é comum a todos eles. Por outro lado, somente aquilo posterior aos anos 70 é designado pela referência ao *trecho*. Neste último caso, o *mundo* também é mencionado, na maior parte dos casos, como se fosse um sinônimo do *trecho*. Estas informações vão de encontro ao que postula Corrêa (2007) sobre a origem do termo (conforme a citação no início deste capítulo) e aos dados presentes na literatura,³⁷ e sinalizam que o *trecho* se vincula ao encontro desta nova realidade das grandes obras com uma já existente ‘tradição de mobilidade’. As referências ao *trecho* (assim como o fato de que o idioma a ele associado se constituiu também pela apropriação e transformação de expressões anteriormente vinculadas à categoria *mundo*) assinalariam assim as novas condições e contextos com que se defrontariam os que se pusessem a *andar* pelo país,³⁸ como se o surgimento e a difusão do termo remetesse à nova ‘cara’ do *mundo*, assinalando ao mesmo tempo uma ruptura (referente a estas transformações sociais e econômicas aceleradas a partir dos anos

70) e uma continuidade, justamente com a experiência das gerações anteriores que *tocaram no mundo*.

Esta geração intermediária dos 50 anos, porém, se diferencia também da seguinte – a dos seus filhos, sobretudo aqueles que hoje têm tanta facilidade para arrumar emprego. A ‘carreira profissional’ dos primeiros é muito mais errática que a dos segundos, e a própria presença dos grandes projetos em sua vida se deu de forma distinta: suas trajetórias estão marcadas por alternâncias e passagens por gêneros diversos (com frequentes disputas e conflitos com mineradoras e, como no caso de Minaçu, com as empresas do setor elétrico); por trabalhos temporário e não qualificado em barragens (Tucuruí, Balbina, Sobradinho, Serra da Mesa, Cana Brava), na construção civil ou em grandes fazendas; e por ocupações as mais variadas em diversas cidades do centro-norte do país. As diferenças para a geração de seus filhos são explicitadas também aí: se antes era possível viver e *correr* sendo analfabeto – o que a grande maioria deles é –, hoje a realidade é outra. Não por acaso, todos reconhecem a importância do estudo e fazem consideráveis esforços para garanti-lo para seus filhos e filhas.

O *trecho* passou a ser, assim, a cara ou feição assumida pelo *mundo* nos canteiros de obras, usinas e alojamentos espalhados por todo o país. Mas não é somente isso, na medida em que, extrapolando estes espaços e situações, retorna ao ‘mundo’ mais amplo para aí vitalizar e ressignificar toda uma centenária tradição de mobilidade – o que, por exemplo, Vieira (2001) vai chamar de “cultura da andança” – emblematicamente expressa pela categoria *mundo*.

Não pretendo minimizar as adversidades decorrentes da existência desses grandes projetos ou do modelo econômico a eles vinculado sobre a vida dessas pessoas. Alguns minutos de conversa com qualquer um em Minaçu evidenciam o quanto as barragens trouxeram sofrimento e miséria para boa parte de sua população – mazelas articuladas, por muitos deles, ao “capitalismo” ou às “multinacionais”. Dramas e dificuldades diversas se articulam também àqueles deslocamentos de um passado mais remoto, eles também remetendo às consequências

37. A referência mais antiga que encontrei onde o termo *trecho* se faz presente é o trabalho de Esterici (1985), referente a um trabalho de campo realizado ao longo dos anos 70 e 80.

38. Este novo contexto estaria vinculado antes a uma intensificação e rotinização destes grandes projetos do que ao seu surgimento. Antecedendo (e criando condições) para os que foram criados a partir dos anos 70, poderíamos citar, apenas no que se refere à área de que me ocupo e às décadas de 30 e 40, empreendimentos como a construção dos primeiros trechos da rodovia hoje conhecida como Belém-Brasília, a edificação da cidade de Goiânia e a implantação da Colônia Nacional Agrícola de Goiás.

da dominação, da exploração, de um modelo de desenvolvimento ou de coisa que o valha. Parece-me, porém, que seria um desrespeito às próprias concepções destas pessoas reduzir à sua mobilidade a estes fatores, como se ela fosse uma reação mecânica a injunções que lhes são impostas de fora.

Poderíamos, nesse contexto, acompanhar a sugestão de Sahlins (1997) e considerar então a realidade dos “que souberam extrair, de uma sorte madrastra, suas (...) condições de existência” (p. 53). Fazer da necessidade virtude: se somos desse sempre *tocados* como gado, postos a *andar* (pela seca, pelas barragens, pelas mineradoras, pela polícia, pelos poderosos, pelos grileiros), quem sabe se, imprimindo velocidade aos nossos passos e passando a *correr*, não nos tornamos leves e fugidios, cosmopolitas, versáteis, desembaraçados, astuciosos, lépidos? Se *rasgar no pé* é um imperativo, que ao menos o confronto com o *trecho* seja também uma oportunidade de aprender alguma coisa; de se tornar maduro, experiente ou malandro; de ver e viver coisas novas, sobre as quais se falará pelo resto da vida, diante de ouvidos respeitosos e curiosos; de *festar* loucamente...

CAPÍTULO 4 CORRIDOS E LIDOS

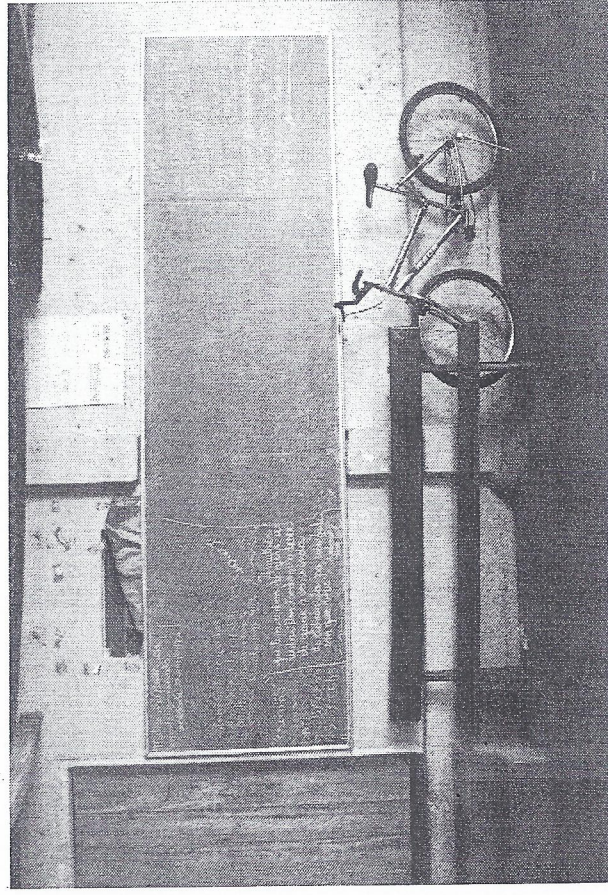


Fig. 14: Corridos e lidos.

PARTE 1 – OS CORRIDOS

Os corridos lendo (e contando histórias)

Retornando a Minaçu após minha primeira estadia, um senhor que eu ainda não conhecia, e que passo a encontrar todos os dias na secretaria do MAB, chama a minha atenção. Ele aparenta ter bem mais de 70 anos, talvez ultrapassando os 80. Seu traje inclui sempre o chapéu de vaqueiro, a camisa social lisa, de cores claras, a calça cinza, o cinto e a bota rústicos, um lenço branco amarrado no pescoço, ocasionalmente também um berrante. Todos esses apetrechos sugerem, sem muita